

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photograzura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 4 DE JULHO DE 1904

NUMERO 35



O MARECHAL DUQUE DE Saldanha

João Carlos de Saldanha d'Oliveira, Duque nasceu a 18 de Janeiro de 1780, no palácio da Anunciada, e era filho do celebre morgado d'Oliveira e de D. Maria Amalia de Carvalho e Daun, filha do grande Marquez de Pombal. Sentou praça como cadete aos quatorze annos e foi promovido a capitão aos dozeito, começando então a valer a sua carreira militar, que foi uma inintermittente serie de triumphos. Constatou soldado a victoria sem jamais soffrer uma derrota, impoz-se á admiração da Europa, o seu nome soou pelo mundo como o d'um dos mais extraordinarios cabos de guerra do seculo XIX.

Não foi só nas luctas liberasas em Portugal que o grande marechal mostrou o seu enorme valor. No Brazil, no tempo em que all residia a corte portuguesa e os povos limitrophes da *Banda Oriental* faziam uma invasão de territorio sob o commando do celeberrimo cavalleiro Artigas, chamado o Napoleão americano, Saldanha praticou proezas que ficaram assignaladas n'essa região, onde ainda hoje existe um lugar a que chamam o *Salle de Saldanha*. Foi all que allie aguardeu com a sua ca-

valleria e deo fatimiga, para o derrotar e tomar posse dos terrenos conquistados. Foi nomeado em seguida governador para o Rio Grande do Sul, onde foi adorado.

D. Pedro III de Brazil, visitando em Portugal o grande marechal, perguntava-lhe: — Duque: como governava o Rio Grande do Sul que era annos, quando lá estive, se me diziam: no tempo do sr. Saldanha era assim... fazias d'esse modo, etc.

O illustre militar sorriu e respondeu: — Se ha justiça, meu senhor.

Após as luctas liberasas, Saldanha ficou sendo o unico marechal d'esse tempo e o seu prestigio no exercito tornou-se extraordinario.

A sua ultima acção foi a de 19 de maio de 1870, em que derrubou o ministerio Loulé, sendo em seguida nomeado embaixador para Inglaterra onde falleceu seis annos depois, legando o seu bastão de marechal ao regimento de infantaria 4, ao qual foi entregue em 6 de outubro de 1877. Jaz em S. Vicente de Fóra, á entrada do Paesthus Real.

# CHRONICA

## As duas mesas

Fizeram-se eleições e vai glorificar-se Saldanha que lá para o anno, quando florescerem as olaias e andarem no ar as crias novas, terá a sagração do marmore e do bronze, lá no alto, no topo da Avenida, firme e em metal, de braço estendido e d'olhar altivo a vêr passar as multidões que sabem o seu nome pela palavra *saldanhada* posta em voga durante uns annos do reboliço e de politicas festas, como sabem do nome do Bocage por uma tradição de charro e conhecem o de Camões por ter sido cego d'um olho.

Porém esse Saldanha foi um vulto grande demais, não para o paiz que os teve maiores, mas para a sua época de debates parlamentares e de bernardas que se geravam nas desavenças dos grupos de politicos. O marechal foi tão grande no campo como pequeno nos ministerios.

Em Almoster, em Santarem, em Torres Vedras, no cerco do Porto, elle, magnifico como um Deus, escarrachado na sella, glorioso o coberto de medalhas, chamava como Cesar os soldados pelos seus nomes, concedera um para animar o outro e, de espada desembainhada, berrava com intimativa como no assalto de Santarem:—Ximenes vá tomar aquella bateria!  
—O meu marechal manda? interrogou official.

—Sim... Depressa!

E o outro partia para voltar vencedor adizelhe:

—Marechal, se fosse lord Bessford que me mandasse ao assalto ter-lhe-hia respondido que fosse elle.

—E porque?

—Porque se podem mandar ousadias mas não loucuras!

—redarguiu Ximenes ainda alvoçado pela grandeza do ataque, pela sua

O BASTÃO DO MARECHAL SALDANHA QUE ESTÁ DEPOSITADO NO REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1

acção levada a cabo á voz do portentoso marechal que, a rir, respondia:

—Eu bem sabia a quem as mandava.

E assim vencía sempre, com o riso nos labios, o duque de Saldanha, querido pela soldadesca, adorado por D. Pedro IV que, em certa vez, abraçando-o no campo, dizia, lembrando-se da rainha, ao sentir uma bala cair junto d'elles:

—Se essa bala nos matasse, o que seria de minha filha!...

O povo acclamava-o, o reino adorava-o, era como um fabuloso heroe invulneravel ás balas e que apesar de tudo, como todos os grandes homens, era um desgraçado em politica.

Uma vez, á sua mesa, na sala de jantar da casa do pateo do Geraides, um amigo muito intimo interrogava-o apontando-lhe certo individuo que devorava a comida como um esfaimado:

—Marechal... Quem é aquelle homem?!

Elle assestou a luneta, com grandeza, á maneira de seu avô Pombal e disse com um vago sorriso:

—Olha... Eu não sei, mas deve ser um amigo politico...

Era, pois, tão portuez o marechal que já encar-



O NOVO TECTO DA EGREJA DA GRAÇA PINTADO POR JOÃO VAZ

nava a nação de hoje ao apontarem-lhe a mesa do orçamento:

—Quem são aquelles homens que assim comen? E a resposta é esta em toda a linha:—Não sabemos... mas devem ser amigos politicos...

Esse homem que chamava os soldados pelos numeros e pelos nomes ignorava os dos politicos que tomavam logar á sua mesa, fazia a guerra para os outros, servia de pendão a gente que

propria phrase, teria sido um bom rei n'um pequeno estado.

—Ah! Se o Saldanha fosse vivo! diz-se ainda por ahí.

E nós, encolhendo os hombros:

—Ora Saldanha, o que?! Que valia ser vivo?!

—Que de coisas... O que se faria!

—Oh! Pobre do marechal. Estaria reformado... por limite d'idade.

ROCHA MARTINS.



A CASA DO PATEO DO GERALDES (A ENTREMURÓS) ONDE O MARECHAL RESIDIA AO TEMPO DA REVOLTA DE 19 DE MAIO



O MARECHAL SALDANHA  
Em 1869



O MARECHAL SALDANHA  
Em 1884



O MARECHAL SALDANHA  
Em 1846



O MARECHAL SALDANHA  
No tempo do cerco do Porto



O MARECHAL SALDANHA  
No tempo da Regeneração



O MARECHAL SALDANHA  
Em 1826



O MARECHAL SALDANHA  
Nos últimos annos da sua vida

O MARECHAL SALDANHA EM DIVERSAS EPOCAS DA SUA VIDA



JAYME A. DA COSTA PINTO  
(REPUBLICANO)



CHAVES MAZZIOTTI  
(PROGRESSISTA)



JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA CAVALHEIRO  
(REPUBLICANO)



ANDRADE E SOUSA  
(REPUBLICANO)



AUGUSTO J. DA CUNHA  
(PROGRESSISTA)



JOSÉ DA COSTA BELLO  
(REPUBLICANO)



DR. MANUEL MOREIRA  
(PROGRESSISTA)



JOSÉ MATHIAS NUNES  
(PROGRESSISTA)



CONDE DE RESTELLO  
(REPUBLICANO)



AMADEU IXANTE DE LA CERDA  
(PROGRESSISTA)



HENRIQUE M. DOS SANTOS  
(REPUBLICANO)



RODRIGO AFOSSO PEQUITO  
(REPUBLICANO)

OS NOVOS DEPUTADOS POR LISBOA



D. LYDIA DE RESENDE

D'essa dama brasileira, já dois escriptores distintos, Coelho Netto e D. Julia de Almeida, fizeram apologias. E tem ao mesmo tempo sua probadora e sua enfermeira devotada. Fundou o Sanatório de Tuberculoses de S. Luiz de Piracicaba, o mais notavel dos estabelecimentos de hygiene do Brazil, em memoria do irmão victimado pelo terrivel mal.

D. Lydia de Resende representa, pois, um papel deveras sympathico não só para o Brazil mas para a humanidade. E' ella sempre a primeira a procurar mitigar as agonias e as dores dos desgraçados atingidos pela doença que flagella este século.



CONDE D'AVELLAR COM O SEU FILHO.

Nasceu em 1859 em S. Martinho do Porto e sua mãe morreu ao fallecido capitão de mar e mercantaria José Gomes de Avellar. Foi muito novo para o Brazil e ali se dedicou ao commercio, alcançando dentro em pouco uma grande notoriedade no meio financeiro do Rio de Janeiro. Participou de alta e variada, jamais se lhe dirigiu um portaguez que não encontrasse os seus carinhos e a sua bolsa, caritativo e bondoso jamais deixou de socorrer os estabelecimentos de beneficencia distribuido desolvidos por todas as instituições onde possam ser aproveitados os indigentes. Assim o sr. Conde d'Avellar é director da Ordem Terceira da Nossa Senhora do Monte Carmo do Rio e de quasi todas as Ordens Terceiras da capital federal. E' commandador de S. Gregorio Magno, presidente da Sociedade Portugueza de Beneficencia e do Gabinete Portuguez de Lettura no Rio de Janeiro. Foi presidente da commissão executiva para a subscripção da cahoeira Patria, offerta ao governo portuguez. Foi agraciado em 1897 com o titulo de Visconde d'Avellar, sendo tambem desde 1885 commandador de Christo. Mas diante dos relevantes serviços prestados á colonia portugueza no Rio foi nomeado Conde de Avellar, em 1900 e Grã Cruz de Christo.

Publicando o retrato do Ilustre Titular, saudamos n'elle o amigo dos nossos compatriotas em terras do Brazil e o devoto apostolo do bem.



GUERRA JUNQUEIRO

E' o altissimo poeta da *Fallete do Paiz Eterno* e da *Morte de D. João*, o raro pamphletario da *Patria*, esse livro que é um brado de revolta onde se mostra bem uma fé a explodir em sarcasmos. Guerra Junqueiro é um osado, é um temperamento de poeta combativo, de herdeiro revolucionario. Recolheu no seio da natureza, sustento, o que ha de augusto nas suas emanções, no ar azul como na luz dourada, na agua que esva clara nas fontes, como no plio que germina d'uma espiga loura, no fogo bonito e na terra subtil, no fir que nasce e na are que enche d'algaris os espaços, e poeta, como um sacerdote iniciador d'um culto, dedicou os seus ultimos versos em lindas orações ao Pão e à Luz, devendo seguir-se outros as diversas manifestações d'essas naturas, ao Deus e ao altar.

Ultimamente Junqueiro, achado a theoría da radiação universal, desenvolveu-se, em Paris, sendo foi associado pelos sabios mais eminentes, mostrando-se assim um positivo valor da sciencia, apesar da sua alma de poeta que cria maravilhas desocultadas em rythmos, em côr, em infinitas harmonias que subjagam, entusiasman e commovem. J



AS COLONIAS PORTUGUEZAS—LOJANDA

BALA DE JOGO DO CLUB NAVAL—SR. DR. ALEXANDRE DE MATOS (CORRESPONDENTE DA COMARCA), SR. JULIO TORRES (PRESIDENTE DA CAMARA), SR. OTILBERME LIMA (GERENTE DA COMPANHIA COMMERCIAL D'ARGOLA)  
—O CLUB NAVAL—ESTRADA DO CLUB NAVAL—SR. JULIO TORRES DE LACERDA (MANTENEDOR DO CASINO E CORRESPONDENTE DO CLUB)—O SALAO DE BAHIA—O THEATRO

Loanda tem desde ha annos um grande progresso. A Associação dos Bombeiros Voluntarios e a secção do Club Naval são dois bellos edificios que muito honram os portuguezes residentes n'essa nossa possessão. O Club Naval tem, além dos magnificos salões de bilhar e de assembleia geral, o salão theatro, e do buffet. O edificio fica á beira mar, onde estava em tempos a Casa Hollandesa, tendo no entanto soffrido ultimamente grandes modificações que mais o appropriaram para o effeito.

Todo o desenvolvimento do Club é devido aos ars. dr. Alexandre de Mattos, Otilberme Lima e Julio Torres, que d'alma e coração se tem dedicado a essa aggragação. O theatrinho

tem lugar para 3000 pessoas e a elle concorrem todos os funcionarios superiores da provincia com as senhoras da sua familia assim como os mais consideraveis commerciantes.

Loanda é crum das melhores cidades da Africa Portuguesa e mercê do commercio tende a desenvolver-se bastante.

N'aquella região o trabalho é arduo mas é seguro a recompensa e d'ahi o estimulo para aquelles que, trabalhando, encontram sufficiente paga, como acontece geralmente em todas as terras que começam a tomar incremento, como esta possessão d'Argola que no futuro deve ter um bom deltal do lugar na Africa.

# O ÚLTIMO MARECHAL

Saldanha foi o último marechal e o último cavalleiro em garbo, em donaire, em feitos, na tranquillidade esportiva que o assemelha vagamente a Nun'Alvares, na forma aventureira de paladino que lhe dá toques de Magrão, com os dois doze d'Inglaterra.

A sua figura parece recordata da historia medieval, despida d'arnezos e d'elmo, descascada de toda uma armadura e transplantada com o seu uniforme dragonado, com os seus galões, com a sua espada, para uma epoca de positivismo em que devia sossobrar por falta d'ambiente.

Napoleão foi como um Alexandre a resuscitar, a vir a uma transmigração d'alma espantar o seculo XVIII, baralhar a Europa, transformar os sistemas politicos, accorrenar reis de direito divino ao seu carro triumphal de fazedor d'autocratas e de dominador de povos, para ir succumbir como uma agnia e morrer aos poucos de tristeza no exilio d'uma rochedo fronteiro ao mar e guardado a vista por um corvo.

Saldanha foi como um d'esses heroicos generaes romanos cujo nome fazia estremecer de jubilo as hostes e fazia nascer um heroe de cada legionario, a lutar, a viver, a chegar com a sua iniciativa aos lugares difficeis, para no fim se amortalhar na sua farda de marechal no exilio d'uma embaixada, enquanto a sua obra era dirigida por outros que em vez da espada tinham a intriga, que em vez d'esse denodo mavoriteo accumulavam sapiencias de bachareis com espiritos de rotineiros buscando aguentar um ministerio para aguentarem a sua mesa.

A obra constitucional ó devida em grande parte ao marechal, que, ajuda novo e já coberto de gloria, expiava em Paris a consagração do seu nome. Vivia por lá como um exilado, sem ouro na bolsa e sem entusiasmo no coração, ia-se a morrer nos portos, tabiscando

se entreolhavam choios de pismo ao verem se defronte do tão formidavel inimigo, Saldanha passava tranquillo pelo Porto e apparecia com o seu estoicismo em frente de D. Pedro IV.

—Que ha de novo?! perguntou-lhe o imperador.

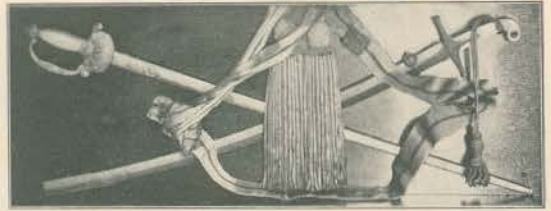
E elle, a encolher os hombros, volven: —Nada que eu saiba, meu senhor.

—Nada!  
Lia-se o assombro na face do Rei Soldado, via-se bem como encrava cheio de pismo esse extraordinario homem e, na sua voz pausada e doce, tornava:

— Pois o conde de Saldanha não sabe que Bourmont tomou hontem o commando das tropas de meu irmão?

— Ah! Mas não me diz Vossa Magestade quantos soldados trouxe Bourmont consigo...

E afivelou a espada, montou a cavallo e em 25 de julho elle desembarcava



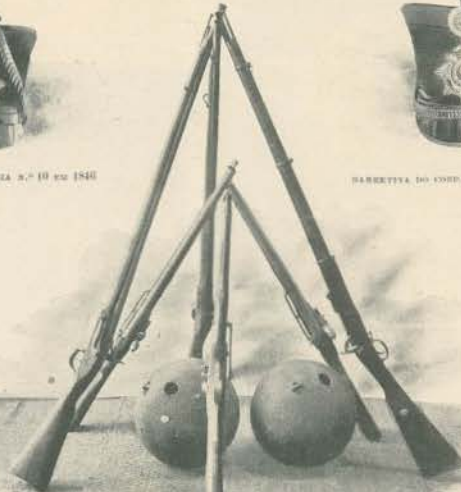
AS ESPADAS DO MARECHAL SALDANHA SENDO UMA A FOM QUE ESTEVO NA BATALHA DE TORRES VEDRAS E A OUTRA OFFENCIDA PELA SOCIÉTÉ CIVILISÉE DE CIVILISADOS EM 1823



BARBETTA DO CORPO D'INFANTARIA N.º 10 EM 1846



BARBETTA DO CORPO D'INFANTARIA N.º 4 EM 1846



GRUPO D'ARMAS E ORAZADAS QUE SEVIHAM NO CERCO DO PORTO QUE SALDANHA LEVANTOU REORGANIZANDO-O COM O GENERAL BOURMONT



BARBETTA DO CORPO D'INFANTARIA N.º 3 EM 1846

tação, para lhe defender esse throno que ajudara a solidificar.

Quando ao som das salvas a crinça corada que foi D. Maria II desembarcava no case das Colonnas, o imperador tomando Saldanha pela mão dizia-lhe:

—Maria, não lhe apresento o general Saldanha que já conhece e a quem devo o estar hoje aqui...

O marechal sorri e beija a mão da pequena rainha, e, n'esse beijo, o homem das batallas, se tornou o seu fiel servidor, o seu escravo, o seu defensor em guerras e em ministerios, sacrificando o seu renome popular á tranquillidade da rainha no bater-se em Almoester como em Torres Vedras, ao assediad Santarém, ao timpar o paiz das hostes de D. Miguel, ao fazer quebrar em Evora Monte as espingardas com que até'ahi se tinham battido irmãos contra irmãos.

Correm os annos, voem os politicos, voem as camarilhas, apparece mais do que nunca a

Comem as borras os pardieiros A culpa é dos Cabraes.

E o marechal, já então duque, sacrificia-se ain-

do noticias nos jornaes avançados. Mas de repente chegou uma ordem, apparece-lhe uma supplica e elle parte a juntar-se no Porto á brava gente do Mindello. Depois a penha com que se sustentava e tomou a espada que seria d'ahi avante gloriosissima, como tocada pela luz viva d'uma estrella que brillasse só para o marechal. Veiu o vencon sempre. A camarilha estrangeira de Solignac, os *condottieri* que rodeavam o imperador — enão ainda assentado sobre um bem oscillante throno — viram-no com mans olhos, enredaram-no, buscaram perdolo. E elle, grande, com o seu estoicismo e com

o Porto de inimigo commandado por esse terrivel cabo de guerra.

— Ah!... Mas não me diz Vossa Magestade quantos soldados traz Bourmont consigo...

Isto define um homem e impõe um general.

Vas a desenrolar-se a oppoça constitucional e ó elle, essa figura extranha de romantico com a sua grenha ossosa, com o seu olhar de bondade, que apparece em toda a parte onde se lucha, sob o fogo, na metralhada,

intriga, os Passos choram sobre a liberdade esmagada, os Cabraes apparecem triumphantes, o Antonio busca com o seu genio tornar popular o governo que o irmão se encarrega de fazer odiar.



A ESPADA QUE SALDANHA EMPUSSEU NA BATALHA D'ALMOESTER

o seu sottizo, responderam-lhes com os feitos de Gaya, com a libertação do Porto que foi como uma aurora a apparecer na barafunda das luctas entre D. Pedro e D. Miguel.

Os contrarios puzeram-lhe na frente uma reputação europea, mandaram vir o marechal de Bourmont, o velho legitimista cuja fama enclia a Europa, um homem que gorara o desastre de Waterloo ao aceitar o partido de Luiz XVIII, veterano das campanhas de renome, o conquistador d'Argel, que se fizera marechal deante da metralhada e tinha na frente bem marcada em cicatrizes a legenda da sua bravura e no olhar a ardente nota do seu genio militar.

E quando nas fileiras liberas e proprio D. Pedro estremece de pavor ante esse nome, quando os officiaes

correndo d'un lado para outro em Campolide como n'outros pontos das linhas de Lisboa, batendo aqui para ir bater acolá, fazendo fanaticos e recordando sempre o mesmo homem que no Rio Grande sonbera aniquillar a mais tonivel cavallaria do mundo, commandada pelo melhor cavalleiro das Americas, Artigas!

E' elle que vence por todos os lados, que apparece nas trincheiras, que expõe o peito, que vê passar os feridos e os condecora, que ouve gemer as mãos e chora com ellas, é elle o conquistador tornado fiel paladino d'aquella pequena rainha d'olhos azues e fronte de jaspe que vinha governar um reino dias depois de ter deixado os seus brinquedos.

E liga-se-lhe como um protector, como um amigo devotado, sacrificia o seu nome, a sua espada, a sua repu-



BANDEIRA TOMADA AOS MIGUELISTAS EM EVORA MONTE

da pela sua rainha. Voem ingratiões á fortio, voem necessidades a toco-o e então, como um romano, recolhe-se ao campo a tratar de lavouras, para apparecer logo como um estimulado feito bandeira d'un partido novo, a



MORTeiro QUE FEZ CALAR A CERREDA BATERIA DE GAYA QUANDO FOI DO CERCO DO PORTO ONDE SALDANHA ERA TENENTE GENERAL.

quebrar então pela primeira vez os laços que o uniam á soberana rodeada por ruins politicas e que o amava mas não podia ceder aos seus desejos de-bom governo.

so como um lindo esyane que fosse arrancado d'um formoso lago e-r'do crystal para ir habitar n'um saguão estreito, sem ar e sem luz.



A ESPADA DEICADA AO VALOR DO REGIMENTO D'INFANTERIA 11 DE QUE SALDANHA FOI CORONEL.

mal aconselhada como andava pela turba politica que a rodeava.

Mandam-lhe um soberano a bater-se com elle em Coimbra, enviando D. Fernando, o rei artista, mais feito para as occupa-ções placidas dos gabinetes que para os alardes de força á frente dos regimentos, mais feito para con-tractação do que para as luctas. N'um dia Saldanha provou que não estava esquecido, os soldados abandonaram o rei para se juntarem ao seu marechal e este vem pela Extremadura abaixo n'um passo de militar, entra em Lisboa onde a côrte trema, passa sobre os capotes de seda moedas que as mulheres atiravam ás patas do seu cavallo como a fazerem-lhe um tapete; tangem os sinos e chevom petalas de rosas, e em frente das Necessidades faz uma parada e faz uma reconciliação, impo-ndo a sua vontade ou antes a da nação a essa rainha que se

rio impopular, é elle ainda que apparece por uma noite lindissima de maio a fazer pela força o que não queriam fazer diante dos seus pedidos.

habitara a servir mas que mesmo servindo por vezes castigava, como um pai dando uma severa lição a sua filha.

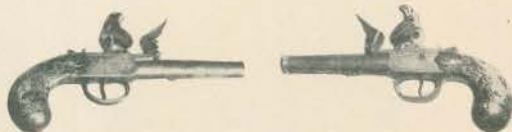
Para um plano de campanha ninguém como esse marechal que andava em correrias pelas estradas quando os miguelistas defendiam Santarém a todo o transe, E os lapuzes, a gente do povo, cantavam-lhe em satyra:

Saldanha p'ra cima  
Saldanha por baixo  
Mas não passa  
Do Carliaxo.

Saldanha movia tropas, fazia um cerco, acurrallava o inimigo na praça e pacificava ao mesmo tempo o norte, voltando para um assalto definitivo á cidade e obtendo assim uma das mais formoes victorias.

Chegavam-lhe os cabelos brancos, vinha um tempo de descaço, a Arcada substitua o campo da batalha e o marechal começava a aborrecer-se.

Volvem mais annos, muitos mais, entra-se n'uma época de paz; o mar ch'al vive como uma reliquia, é querido, é amado, E no fim da vida, diante da imposição d'um ministro



EM PAR DE PISTOLAS PORTUGUEZES A S. M. O IMPERADOR D. PEDRO II

E como elle foi para isso! O marechal era sempre o mesmo romantico, o mesmo castico!

Dá ordem para o acordarem á uma hora, tendo-se deitado ás onze e meia. Obedeçam-lhe. Levanta-se e avelva a espada. A' sua porta estão dois batalhões e elle sabe do pateo do Geraldes e vae até Ajuda. Vence e volta de espada na balsa, tranquillo como



BANDEIRA DOBADA POR S. M. A RAINHA D. MARIA II PARA OFFENDER AO EXERCITO LIBERTADOR DE QUE SALDANHA FAZIA PARTE COMO TENENTE GENERAL.

sempre, sem dar uma inquietação aos seus que bem sabiam do seu valor.

Acabava de derrubar um ministerio, sentira meia dúzia de balas quebrando as vidraças do paeço, chegara do rom-pante e bradara tomando uma bateria:

— Viva a artilharia que é minha!  
E assim viera, socogado, com dois ajudantes d'ordens, para se metter na cama como se voltasse d'um baile e dar razão a corto dito da duqueza.

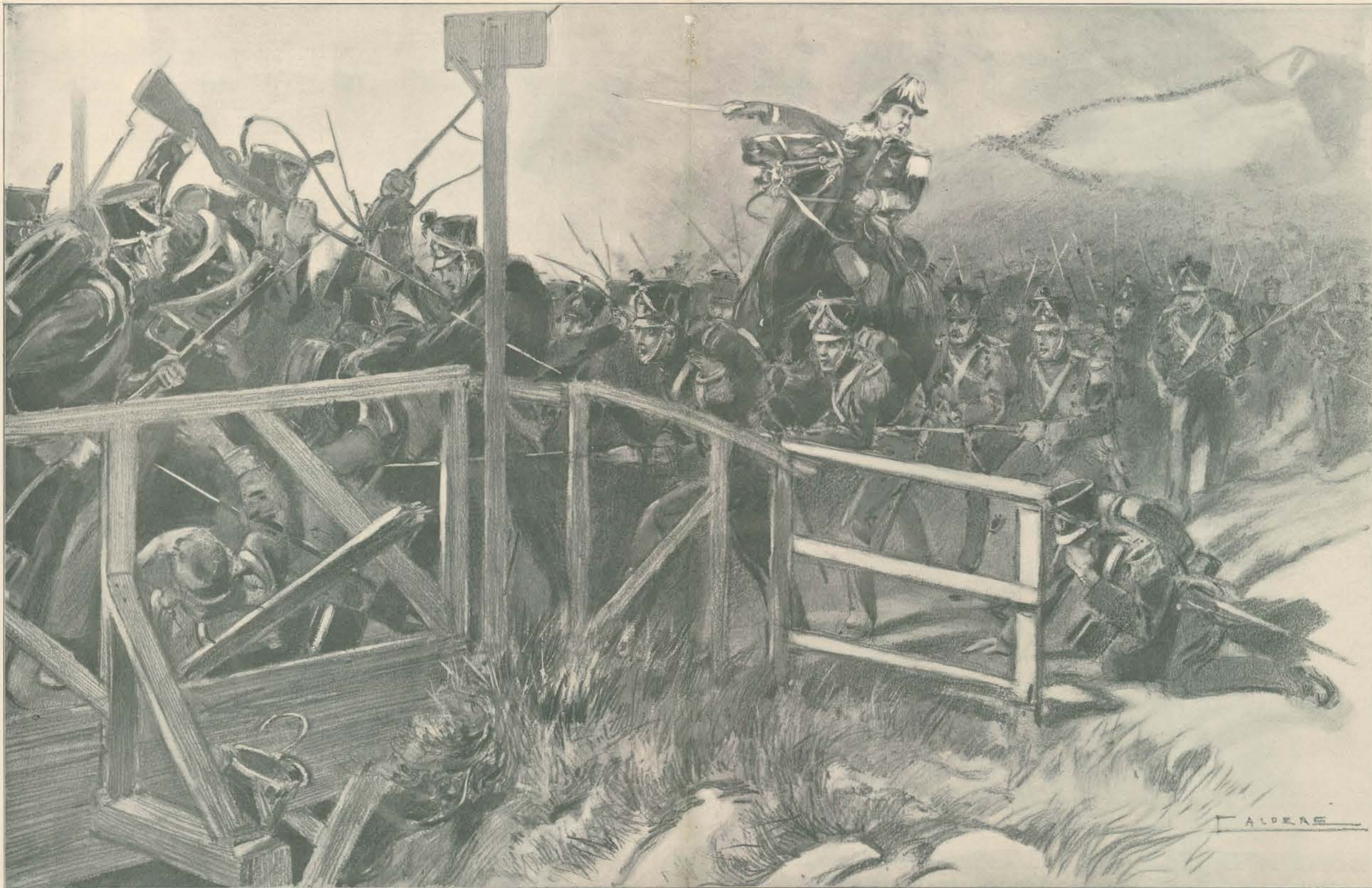
— Pois não o conhecem?! — dissera ella a alguem que se apou-quentava por não ter noticia do marechal no tormentoso anno da Regeneração—

Pois não o conhecem?! D'aqui a poucas dias entra-nos elle porahi coberto da gloria!

E assim acontecen.  
E por isto elle foi o ultimo marechal, o ultimo cavalleiro, o ultimo grande nome militar d'esta raza valente de portuguezes quantos heroismos tem na sua historia guerreira.



A LAPIDE DA SEPULTURA DO MARECHAL SALDANHA EM A. VICENTE DE FORA DE LISBOA



**A BATALHA D'ALMOSTER, UMA DAS MAIS CELEBRES EM QUE ENTROU O MARECHAL SALDANHA**

Era um esforço supremo que os realistas tentavam para conquistarem do novo Lisboa e estabelecerem-se para o Porto. Saldanha estabeleceu a sua linha de defesa desde a ponte d'Assoca até ás alturas de Villa Nova do Guimaraes, buscando impedir a passagem á sobeja artilharia do inimigo que, a romper uma das posições, teria aberto o caminho para a capital. Era em fevereiro de 1834 e caíra a manhã, uma manhã fria e nublada; a artilharia do general inimigo Lemos já soava das bandadas da ponte de Colheiro com furiosas e solenidades.

Saldanha correu a reforçar as suas linhas da esquerda para a direita e na passagem entre

com a defesa d'Almoster, ao brigadeiro Schwalbach e a da ponte d'Assoca ao brigadeiro Bento de França. O general Lemos, chefe das forças inimigas, tomava Almoster sobre as alturas de Villa Nova do Guimaraes, circumdando assim a esquerda dos constitucionales.

Os regimentos marchavam em columnas cerradas, os lancieiros viam a descoberta e a artilharia salava-se desde que mostrava a grandiosidade do seu poder no topo do cabeço, terrível e ameaçadora.

O marechal dobrava as suas linhas; olhou em roda e viu apenas uma divisão, mandou tocar

a reunir e, ante os regimentos d'infantaria 3 e 6 e caçadores 2 e 12 que a formavam, delibrou ir ao ataque.

Soava o meio dia. No acampamento realista lia-se a ordem do dia em que se declarava que no cair da tarde d'esse dia, 27 de fevereiro, ficaria destruido totalmente o exercito constitucional.

A ordem foi recebida pela soldadesca com vivas entusiasticos, mas ao mesmo tempo surge a divisão com Saldanha á frente e trava-se um tiroteio extraordinario de todo a lado.

Na ponte de Santa Maria o coronel Quinra, com caçadores 2 e 12, fez um movimento evolutivo

e o general inimigo ficou por este modo cercado. Helderem então o fogo, torceu-se violento, incombustivel infantaria n.º 1 recebeu as balas a pé firme e á voz do marechal valou bayoneta e avançou a socorro marchar para as linhas inimigas, começando desde logo a derrotar. Dentro um pouco foram rotas as linhas realistas, e assignalou-se então uma batalha na epoca constitucional, batalha que prepara a d'Assoca, onde se dá a agonia do exercito realista, onde se ouve o som da marçação.

(Reconstituída por apontamentos da epoca)

ALPHE





OS PADRÕES DE DIFFERENTES UNIFORMES DURANTE O PERÍODO DE 1833 A 1846 EM QUE O MARECHAL SALDANHA TOMOU PARTE MAIS ACTIVA NAS LUCTAS

SARGENTO DE INFANTARIA N.º 1 (1842)—OFFICIAL DO BATALHÃO DE VOLUNTARIOS DA BARRICA (1846)—TUMBA DO 13.º INFANTARIA (1833)—SOLDADO DE INFANTARIA N.º 11 (1833)—OFFICIAL DE CAVALLARIA N.º 6 (1833)—OFFICIAL DE LANCEIROS (1846)—OFFICIAL DE MILICIA DOS ARCOS (1833)—PORTA MARCHADO DO 14.º INFANTARIA (1833)—GUARDA MUNICIPAL (1846)

Todos estes regimentos deram provas de valor nas successivas luctas em que interam parte. Saldanha foi coronel do 13.º Infanteria, e qual, sob as suas ordens, praticou proezas heróicas contra os Franceses em 1811. Tomou então parte na batalha de Nivè e de tal forma conduziu os soldados que o regente de Inglaterra e conde de Arundel enviou-lhe a medalha n'uma bella caixa de marfim com um officio de que foi portador o major ignes Filh. O príncipe regente de Portugal depois D. João VI sabendo dos altos feitos de militar nomeou-o cavalleiro da Torre Espada e da Ordem de Christo. E Saldanha se deixou o 13.º de Infanteria para tomar o commando d'uma brigada de a cavallaria da qual fazia parte os regimentos d'Infanteria 13 e 24 e o de caçadores 5, que elle conduziu ao assalto de Bayona.

Os outros regimentos e sobretudo os Voluntarios da Rainha foram da sua divisão em dver nas batalhas, distinguindo-se no celebre ataque de Almonster.

Infanteria 11, as ordens do major Trigueiros, bateram valente assalto no Porto quando foi do cerco, e todos os corpos foram levados pelo Marechal á victoria, ajudando o a engrandecer o seu nome de gloria e enfeitando as suas bandeiras com legadas dignas e honrosas.



OS CAUDILHOS DO PARTIDO LIBERAL CONTEMPORANEOS DO MARECHAL SALDANHA E SEUS COLLABORADORES NA OBRA DO CONSTITUCIONALISMO

JOAQUIM ANTONIO D'AGUIAR—DUQUE DE PALMELLA—PASSOS MANUEL—S. M. EL-REI D. PEDRO IV, O REI SOLDADO—ROUSSINO D'ALBUQUERQUE—DUQUE DA BANDEIRA—SÁ DA BANDEIRA

N'esse tempo, ali por 1833, retornava o Imperador D. Pedro, que viera do Brazil a dar a liberdade a Portugal, vultor d'um altissimo valor, que com a continuacao das luctas muito se destacaram e que para a implantação do regimen liberal grandes feitos praticaram, ajudando o soberano, o rei soldado, tanto com a espada como a penna, na guerra como nos conselhos, nos ministerios como na diplomacia.

Saldanha e sem duvida uma das primicias figuras do tempo, com o duque da Terceira que, quando conde de Villa Flor, ja se batiera desonadamente pela causa liberal e que entrou triumphante em Lisboa a 24 de julho de 1833 após a derrota de Teles Jeronimo na Oitava Banda e quando iam ser enforcados alguns liberais. Sá da Bandeira soffreu o exilio de Plymouth como todos os seus irmãos d'armas, e durante as luctas affirmou sempre o seu valor, principalmente no celebre ataque da Seta do Pilar onde ficou ferido gravemente, como ja no tempo da guerra peninsular em

que foi levantado do campo por um soldado francez compadecido da sua sorte e da sua pouca idade, pois n'essa epoca contava apenas vinte e tres annos. Mousinho de Albuquerque, avô do infante maior Monizinho, serviu o Imperador com a penna e com a espada, sendo seu ministro na Terceira e acompanhando-o depois como ajudante de campo, vindo a morrer no celebre ataque de Torres Vedras em 1810. O duque de Palmella foi o amigo de Saldanha com a sua politica. O duque e o João das Regras d'este tempo, em que Saldanha e o Nuv'Alvaroz enquanto em se batia o outro lidava para chamar as sympathias da Inglaterra a favor dos liberais. Joaquim Antonio d'Aguiar expulso das congregações religiosas, empunha Passos Manuel, no arcor dos annos, como discipulo de Fernandes Thomaz, pregava athervemente a liberdade de que foi um grande defensor no reinado de D. Maria II, e cuja a brilhante pleiade que ajudou o Imperador a conquista do throno e a outorgar a carta constitucional que ainda hoje rege Portugal.



PARES PARA A QUADRILHA



OS CONCERTISTAS

JULIO SILVA — EUGENIO MILANO — CORNELIANO VILLAGA COM O GUARDA MARINHA BRASILEIRO SR. CESAR PAIVA



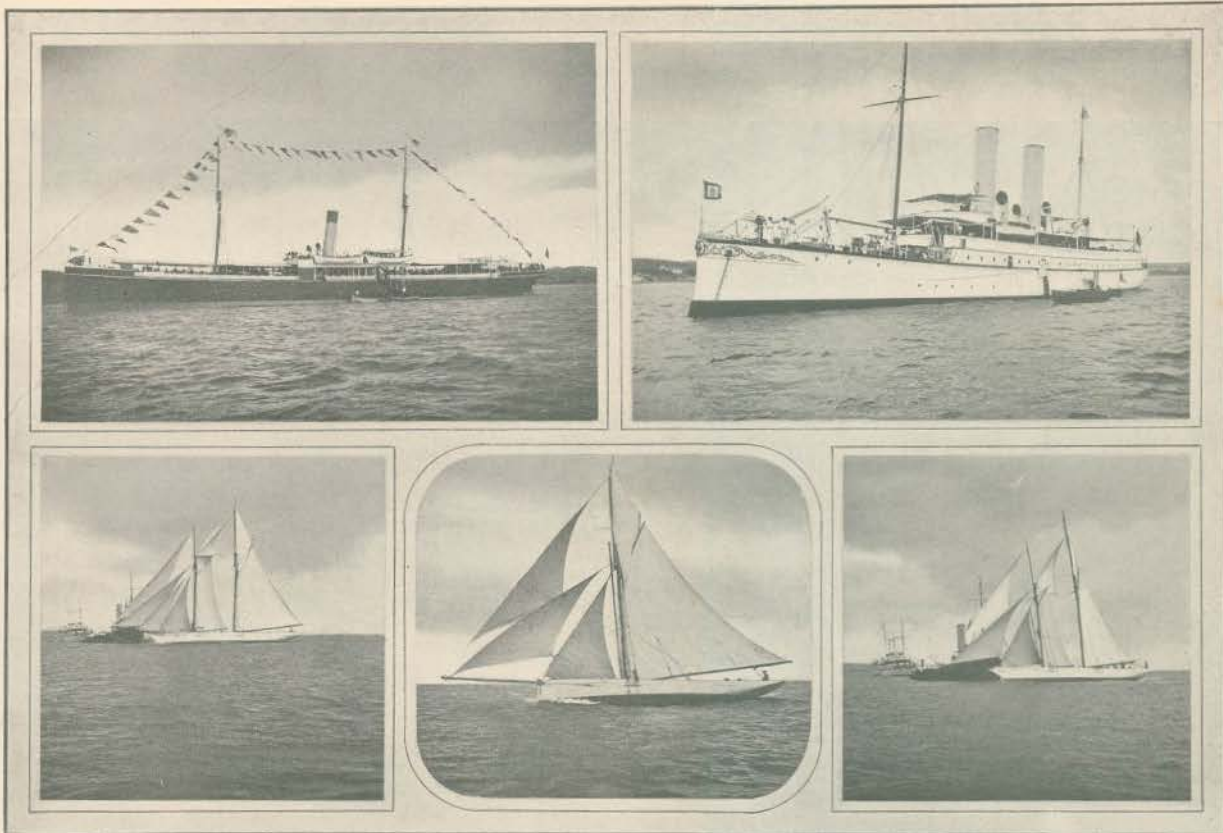
NO FIM DA FESTA

A FESTA A BORDO DO BENJAMIN CONSTANT EM 29 DE JUNHO

Um momento de festa, toda de gentileza e toda de fraternidade. Bandeiras brasileiras e portu-  
guezas formavam trophéus, havia panoplias d'armas e vasos com plantas ornamentadas. Os convi-  
dos eram recebidos galantemente, reinava a mais franca cordialidade a bordo do bello navio de guerra  
da nação nossa Irmã. A's 2 horas da tarde começou o concerto, no qual tomaram parte Niccolino Mi-  
lano, o maestro querido do Brazil, e Julio Silva, pianista do Gymnasio. O barytono brasileiro Cor-  
neliano Villaga cantou a *Cantata do aventureiro* da opera *Amoroso*, sendo delirantemente applau-  
dido.

Logo servido o lunch, trocaram-se brindes, havia risos e o guarda marinha brasileiro Cesar  
Paiva cantava a phantasia da *Fozca* n'uma voz admiravel. Entre duas senhoras brasileiras, D. So-  
phie Rodrigues e D. Isaura Rodrigues, recitaram poesias de saudação *Irmãos gemcos e Portugal e  
Brazil*. A festa chegava ao seu apogeio e foram distribuidas umas fitas em soda das que os marinhe-  
ros usam nos bonetes e tudo se lé o nome do navio.

As damas enlaxam nos braços essas fitas como uma divisa, a orquestra ataca um *pas de qua-  
drie* e o baile começa delirantemente sob o céu azul. A luz do sol, n'uma sulfida esbafante de ri-  
sos que alegravam o rio. Passaram ao largo embarcações, destacavam-se muito claramente os mon-  
tes da Ostra Branda e viam-se no rodopio das valvas *bollettes* claras e fardas a confundirem-se por  
essa bella luz individual, sobre a tolda, ate que a noite desceu e os convitados deixaram o bello  
barco com infinitas saudações.



A REGATA EM CASCAES NO DIA DE S. PEDRO

O VAPOR «AÇOR»—O «YACHT» REAL «AMELIA»—O «YACHT» REAL «LIA»—O «YACHT» «INVONI», QUE GANHOU O PREMIO DE S. M. EL-REI—«DONORAH» DO SR. DR. GUIMARÃES—o sr. Carlos Bleck. Na segunda corrida entraram em lucta o yacht *Invoni* do sr. Alberto Fourbeard, o *Vendredi* do sr. Alfredo O'Neill, *Diana* do sr. conde d'Almarjão, *Alice* do sr. Duarte Pereira, *Eloa* do sr. Miguel Passos.

Promovida pela Liga Naval e presidida por S. M. o rei de bordo do yacht real *Amélia*, realizou-se em Cascaes a regata em que se disputavam, além da Taça Vasco da Gama offerta pela Liga Naval, mais dois premios, um de S. M. o rei, outro de S. M. a rainha senhora D. Maria Pia.

Começou a primeira corrida pela 1 hora da tarde e a ella tomaram parte os yachts *Lia* de S. M. a rainha senhora D. Amélia e *Donorah* do sr. dr. Manuel de Castro Guimarães, ganhando pelo ultimo a Taça Vasco da Gama, sendo o triumpho devido em grande parte ao magnifico governo

O premio de S. M. o rei foi ganho pelo *Invoni* e o de S. M. a rainha senhora D. Maria Pia pelo *Vendredi*. A bordo do vapor *Açor* foram os socios da Liga Naval com suas familias.



A FESTA A BORDO DO CRUZADOR BENJAMIN CONSTANT, DA MARINHA BRAZILEIRA, EM 29 DE JUNHO  
UM GRUPO D'OFFICIAES DO CRUZADOR COM OS CONVIDADOS



A ESTATUA DO MARECHAL SALDANHA CUJA PRIMEIRA PEDRA DEVE SER ASSENTE EM 5 DE JULHO NA PRAÇA DUQUE DE SALDANHA NA AVENIDA DA LIBERDADE

É obra do esculptor Thomas da Costa, que reside em Paris, e do architecto Ventura Terra que dirige a parte architectonica do monumento.  
Saldanha era, com Palmella, o heroe do liberalismo que faltava consagrar no marmore e no bronze, pois já o duque da Terceira, Sá da Bandeira e D. Pedro IV tinham recebido essa homenagem da posteridade.  
A estatua é um magifico trabalho que bem define o ensado guerreiro a quem, segundo a phrase de D. Pedro IV, D. Maria II devia a sua entrada em Portugal.

Figuras magnificas, correctas, bem lançadas, d'um soberbo talhe, sobretudo a da *Victoria*, juliam a estatua do marechal, que está de pé, coberto de medalhas, silvo e de braço estendido, n'uma energica attitude de commando. A *Victoria* está no Museu d'Artilharia, onde se encontram tambem umas pequenas estatuas em bronze de D. José e do duque da Terceira, verdadeiros modelos das que existem no Terreiro do Paço e Cas do Sodré. A estatua de Saldanha é mais um triumpho para o eximio artista cujos trabalhos são sempre primorosos.  
O delegado do governo junto á construcção é o architecto sr. Lino de Carvalho.





O ESTABELECIMENTO DAS AGUAS MEDICINAES DE S. PEDRO DA TORRE

S. Pedro da Torre fica perto de Valeação do Minho. O lugar da Torre foi villa com termo proprio e é povoação antiquissima, pois em 1123 D. Theresza deu-lhe foros. Está a esquerda do rio Minho, que a

rega, havendo na villa duas nascentes d'aguas mineraes; uma d'ellas é sulphurica fria e applica-se à cura de molestias cutaneas e a outra, que fica perto d'esta, tem aguas muito digestivas.

O ARCHITECTO VENTURA TERRA  
Auctor da parte architectonica da estatua de SaldanhaO SR. CORONEL RAPOSO BOTEELHO  
Novo director do Real Collegio Militar

## CHRONICA · ELEGANTE

O formoso mez de junho, o alegre periodo dos dias santos e dos folguedos juvenis, tem ainda o privilegio de dar o *coup de grâce* na vida mundana de Lisboa, fazendo sahir d'ella quasi toda a gente elegante e de bom tom.

O assumpto modas tambem está esgotado quando se chega a esta quinquena. N'outros tempos dizia-se que o *Grand Prix* era, em Paris, occasião de exhibir as novidades de estação e até ali considejavam-se prematuro qualquer decreto da moda.

Hoje as coisas mudaram: pela primavera adeante vão surgindo as creações umas apoz outras e na *passage de Long-champs* apparecem, é certo, muitas fantasias, muitas excentricidades e muitas elegancias, porém já todas cingindo-se ás linhas goras consagradas desde o inicio da estação.

O que este anno dominou, em todas ou quasi

todas as *toilettes*, foi o branco e as flores, apparecendo como guarnição profusa, nos vestidos, nos chapéus, nas sombrinhas, nos leques, nos estofos das carruagens, forros das capas e dos *monteaux*, finalmente em tudo onde foi possivel oriental-as.

Nas *toilettes* brancas tiveram grande successo os vestidos de *batist* e *nansoué* genero *lingerie*, com innumerables preguinhas feitas á machina, foltos, refugos, entrecortados do entremeios e rendas de *Valencianas*. O mesmo entusiasmo se manifestou para os trajes de linho branco guarnecidos de renda grossa ou bordados a côres com seda lavavel, á semelhança das coilhas e pannos de genero antigo.

A grande redingote *Wrap-coat* constitue um agasalho dos mais confortaveis e facéis de vestir. Feita muito simplesmente de panno lizo e parcamente guarnecida, todo o seu luxo reside no forro de seda clara lisa, ou lavrada de flores no estylo *Pompadour*, com algibeiras interiores perfumadas de póde violetas, Iris ou Azurêa.

O calçado de côr tambem está favorecendo a appareição das meias semelhantes, em seda, gris, *mordarê*, amarellas, brancas, etc.

Com os vestidos finos vê-se muito o cinto de pelica

fina branca ou *beige* muito flexivel e *drapé* naturalmente; como a moda actual prohibe a cintura comprida atraz, levanta-se o cinto até certa altura das costas e prende-se com um elegante alfinete de ama, em outro com perolas ou pedras finas; adeante o cinto descehe immenso e fecha com fivella artistica de gosto identico ao do alfinete

FIG. 1—*Wrap-coat* de panno azul marino com forro de estimo *gris perle* e galões prateados. Chapen de tullo com grinalda de rosas.

FIG. 2—*Toque* de tiras de seda verde e gaze azul *bonillonné* com torsade de seda *vert Nil* e pennas de gallo.

FIG. 3—Vestido do *fontard* lilaz sombreado de roxo em diversas tons guarnecido de gallo de amores perfeitos. Chapen de palha lilas com amores perfeitos de varios roxos.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3